

## A busca da energia: alquimia e ciência

por Olavo de Carvalho

*Comentários a respeito do livro "O Ouro da Milésima Manhã: Tratado Alquímico do Século XX" de Barbault, Armand*

Em termos gerais, a elaboração do ouro potável consiste em reproduzir, em escala menor à dimensão humana, a obra da natureza ao condensar a energia vital que move o universo e os seres vivos. Os alquimistas crêem que essa energia cósmica não se reduz a nenhuma das formas particulares de energia atualmente reconhecidas pelo *establishment* científico (com o qual não se confundem os verdadeiros pesquisadores de vanguarda), isto é, não se reduz nem a energia elétrica, nem a energia termolecular, etc., mas é como que uma síntese superior – a energia por excelência, da qual as outras seriam apenas formas precárias mais facilmente acessíveis à percepção humana.

Sendo a forma mais universal de energia, a energia cósmica não se deixa, evidentemente, isolar em laboratório. Por isso não se pode "provar" cientificamente a existência da energia vital ou cósmica (pelo menos com os recursos habituais da ciência atual).

Mas se pela sua natureza sintética não é possível isolá-la, não se poderia então reproduzi-la em escala menor, imitando o mesmo processo sintético da natureza? Pois foi precisamente o que fez Barbault.

O alcance científico dessa demonstração é imenso, mas nem por isso se pode dizer que é uma demonstração "científica", pois ela lida com variáveis em número tão gigantesco que a ciência atual, se quiser manter-se fiel aos seus métodos de trabalho, não pode ainda abarcar. O próprio Barbault só conseguiu dominar o imenso conjunto de percepções, intuições, julgamentos e atos que se estenderam por um período de quinze anos na sua experiência, porque recorreu a processos mentais e a abordagens muito mais globais, rápidas e sintéticas do que as empregadas habitualmente na ciência.

Para se ter uma idéia da distância que separa a experiência científica alquímica da experiência habitual, basta ver que os remédios produzidos em laboratórios farmacêuticos resultam da mistura de algumas substâncias depois que se conhecem minuciosamente os efeitos isolados de cada uma delas, enquanto o ouro potável resulta da fusão de energias díspares e inumeráveis, e algumas perfeitamente desconhecidas. O que dá ao ouro potável e ao seu processo de fabricação sua unidade e coerência não é, como no caso do remédio farmacêutico, o conhecimento preciso dos mecanismos de causa-e-efeito ligados a cada substância, mas o próprio ciclo natural que reúne, ordena e sintetiza as forças em jogo, e cuja atuação o alquimista imita. O alquimista consegue captar e reunir as energias que comporão o seu elixir não dominando-as uma por uma, mas aproveitando-se do momento em que elas convergem sobre um local determinado e uma pessoa determinada: ele mesmo. (Daí que, ao contrário da experiência científica, a experiência alquímica não possa, nem mesmo teoricamente, ser repetida "por qualquer um", a qualquer momento.

Para captar essas forças, a tradição esotérica de todas as épocas criou uma série de

procedimentos que foram usados por Barbault, e que são quase o inverso simétrico do procedimento científico usual. A clarividência, a interpretação astrológica, o pensamento analógico e simbólico, procuram intuir a totalidade das forças em jogo num determinado instante, representando-as sinteticamente em símbolos, enquanto o raciocínio científico-analítico procura acompanhar a recorrência de cada fator ao longo do tempo, anotando semelhanças e diferenças, até chegar a um conceito, ou quadro conceitual, exato de uma das inumeráveis linhas de força do processo total. (Será preciso esclarecer que ambas as perspectivas se completam organizadamente em todo o processo verdadeiramente criativo de investigação da verdade?).

### **As etapas do trabalho e o uso da astrologia**

É praticamente impossível resumir a narrativa de Barbault, já bastante compacta, mas, de modo geral, a operação teve as seguintes etapas: escolha do local e dos momentos para a colheita da matéria-prima; alimentação da matéria-prima com orvalho e flores; destilação, corrupção e incineração; obtenção final do "levedo" que, ao contato com o ouro, "abre" a estrutura energética íntima do metal captando suas propriedades medicinais; testes clínicos e de laboratório.

Com exceção da última, cada uma dessas etapas é minuciosamente demarcada no tempo, segundo milhares de cálculos astrológicos que o alquimista vai fazendo no decorrer da operação.

Em cada etapa, entrava ainda em jogo uma multidão de outros fatores – estado psicofísico do alquimista, condições externas para o trabalho, flora e clima da região, tudo isto analisado astrológicamente e comparado à configuração astral pessoal do alquimista, que é uma espécie de catalisador.

A escolha do local é determinada quase exclusivamente por clarividência. A mulher do alquimista, em estado de transe mediúnico, o conduz até determinado sítio, onde vê figuras que ele vai interpretando como indicações sobre o modo de colher a matéria-prima. Mas que matéria-prima é essa, em torno da qual se fez sempre tanto segredo e da qual se dizia apenas, nos tratados, que era abundante em toda parte mas muito difícil de escolher? Barbault rompe séculos de silêncio e informa: é apenas terra. Terra fresca e limpa.

Mas por que será tão difícil colher algo que se encontra bem sob os nossos pés, se é só abaixar e pegar? Na realidade, a colheita não é um simples trabalho mecânico, mas uma operação complicadíssima. Para começo de conversa, tem de ser feita sob uma configuração astral que envolve relação entre a Lua, Saturno e Urano, o Sol e a posição solar do mapa do alquimista, e mais a conjunção de dois planetas lentos no zênite, e essa confirmação certamente não ocorre todos os dias: Barbault esperou um ano.

Além disso, o próprio alquimista, para tomar parte na colheita, tem de estar preparado, tendo-se submetido a uma rigorosa disciplina física e espiritual e uma vida baseada na mais estrita moralidade e equilíbrio. Ele tem de estar em pleno domínio dos seus sentidos, da sua inteligência e de seus dons perceptivos no momento de... abaixar-se e apanhar um punhado de terra.

É que não é a terra que ele colhe: são as energias cósmicas que, naquele momento único, se concentraram naquele pedaço de terra. Qualquer erro, qualquer desequilíbrio, cegarão o alquimista para as bolas luminosas no chão, que indicam a concentração de energias, ou, o que é pior, farão com que essas energias, uma vez colhidas, lhe escorram por entre os dedos e ele leve para casa um simples punhado de terra sem valor alquímico. Ao divulgar, portanto, a matéria-prima do ouro potável, Barbault não a colocou, como se vê, "ao alcance de todos"... Na realidade, a terra colhida funciona apenas como suporte material das energias.

As fases seguintes são cada vez mais trabalhosas e complexas. "Alimentar a matéria-prima com flores", por exemplo, não significa apenas misturar flores a um bolo de terra. Não significa nem mesmo misturar flores *critériosamente selecionadas* a um bolo de terra. Significa fornecer a um determinado núcleo energético determinadas energias que, em certas épocas e circunstâncias, estão em determinadas flores. Cada flor tem seu tipo energético preciso e, estando associada pela tradição astrológica a determinado planeta, suas energias estão mais intensas sob determinados trânsitos planetários e, sob outros, mais fracas. Então o alquimista, além de seguir criteriosamente um roteiro complexo quanto às necessidades "alimentares" da matéria-prima, ainda tem de pôr em ação um conhecimento enciclopédico da botânica astrológica da região, para colher as flores certas nas horas e lugares certos, e trabalhar durante meses sob a pressão do relógio que marca a mudança do céu astrológico.

### A colheita do orvalho e os símbolos alquímicos

Os antigos alquimistas, segundo se diz, não tinham interesse em revelar seus conhecimentos, e por isso compunham seus livros com uma simbologia arresada, impenetrável. Esta versão só explica metade do problema.

Barbault mostra-nos com simbolismo alquímico *revela tudo a quem deseje aprender de maneira extremamente simples, clara e didática*. Os símbolos alquímicos não eram apenas um disfarce, mas uma linguagem altamente desenvolvida para explicar e ensinar determinadas coisas onde o ensino verbal seria muito complexo ou mesmo impossível. Graças à sua rica simbologia, os alquimistas puderam perceber determinados fenômenos dos quais seus contemporâneos, não dispendo de instrumentos para pensá-los, não tiveram nunca a menor suspeita. Chegaram, assim, a desenvolver concepções ultra-arrojadas e espantosamente "atuais", por exemplo, a respeito da natureza dinâmica e energética da matéria. Enquanto a química nascente considerava o ouro, como o ferro ou o estanho, um *elemento*, querendo com isso significar algo de básico e irreduzível, para os alquimistas o ouro, como os outros metais e as substâncias químicas, era apenas a sede material e aparente, disfarce e embalagem, de forças invisíveis de natureza imaterial, puramente "espirituais" ou, digamos assim, energéticas. Na realidade, a fabricação do ouro potável não visa a captar as propriedades energéticas do ouro. Na época, tais idéias pareciam pura maluquice, mas depois da fissão do átomo, quando a natureza íntima da matéria parece cada vez menos "material" e determinística, e cada vez mais puramente energética e criadora, é uma idéia perfeitamente coerente. Neste sentido, Paracelso e Cagliostro são nossos contemporâneos.

Se são expressões sintéticas de uma filosofia da natureza, os símbolos são também representações concretas e didáticas de processo de trabalho diretamente deduzidos dessa

filosofia. Analisando textos e gravuras alquímicas, Barbault encontrou neles um guia seguro e prático para a fabricação do ouro potável.

### Os segredos alquímicos num livro só de gravuras



Prancha IV do Mutus Liber

Talvez o exemplo mais flagrante de clareza didática encontrada, onde os eruditos nos anunciam apenas névoas e mistérios, seja a prancha IV do Mutus Liber, o Livro Mudo, composto só de gravuras, que foi um dos roteiros que Barbault seguiu mais de perto. Essa prancha mostra um homem e uma mulher torcendo uma toalha, tendo ao fundo um carneiro e um touro, um sol, uma lua, e uma espécie de chuva de raios cósmicos caindo sobre a paisagem. Que tremendo mistério se ocultaria por trás dessa composição surrealista, onde em pleno cataclismo natural as pessoas se ocupam tranquilamente de afazeres domésticos? Barbault nos mostra que o significado é quase literal: a gravura ensina a fazer a colheita do orvalho como uma cartilha ensina a ler. O alquimista e sua mulher estendem toalhas sobre a relva e, depois de encharcadas, torcem-nas, recolhendo o líquido em vasilhas. Essa operação deve ser feita no início da primavera (hemisfério Norte), quando o Sol transita pelos signos do Carneiro e do Touro, estando em aspecto astrológico favorável com a Lua, de modo que entre os dois se forme um campo energético favorável (a chuva de raios cósmicos), beneficiando o sítio onde se faz a colheita.

A terra colhida é considerada uma espécie de "levedo" mineral apto a "abrir" o ouro. Mas, para que o levedo possa adquirir essa propriedade, é preciso alimentá-lo com as energias solares e lunares condensadas no orvalho e nas flores e prepará-lo com repetidas e complexas cocções e secagens durante muitos anos. Nesse período a paciência, a tenacidade, a fé e a agudeza de observação do alquimista são testadas até a exaustão. Períodos de trabalho intenso alternam-se com etapas de silêncio e espera respeitosa, e, como a obra evolui muito devagar, o alquimista, que busca reproduzir o trabalho da natureza com o ritmo da natureza, vai cada vez mais encaixando sua existência pessoal na vida cósmica que o circunda, passando assim por uma ascensão espiritual não só simultânea mas idêntica ao próprio andamento da obra, e marcada por uma vivência do tempo como a que foi expressa nos verso de Homero: *Os moinhos dos deuses moem lentamente.*

### **E, na milésima manhã, a alma do ouro se abre**

Se o alquimista é um caso extremado de tenacidade e fé inabalável, em troca disso ele adquire, ao abandonar o mundo profano para dedicar-se à obra, o direito de ingresso num outro mundo, que Raymond Abellio descreve com "uma perpétua manhã feita de sol levante, de orvalhos e seivas, e onde a menor folha de relva é tocada com um respeito religioso. É também o mundo das forças obscuras do céu e da terra, que se juntam num inquietante trabalho de parto, ora aliadas, ora inimigas, e das quais o homem parece esperar algum sacramento secreto. Vem enfim a milésima manhã, onde a alma do ouro se abre".

Nas cocções finais, o levedo, alitado e tratado, é misturado ao ouro e assimila suas propriedades medicinais, enquanto *desaparece qualquer traço material do metal*. Esta desapareção foi constatada em todos os exames de laboratório feitos pelo Dr. Rudolf Hauschka, diretor do Walla-Heilmittel - Laboratorium, em Eckwälden, na Alemanha, e mais tarde repetidos pela Waleda AG de Stuttgart. Ela é tanto mais surpreendente quando se constata que as propriedades medicinais do líquido são precisamente aquelas atribuídas ao *metal* ouro na homeopatia e na medicina funcional, que o usam no tratamento de doenças cardíacas e de sequelas da sífilis. Só que o ouro potável tem um grau de atuação explosivamente maior: sífilítica, por exemplo, ele parece verdadeiramente reconstituir os tecidos lesados, levando vários dos cientistas que o examinaram à hipótese de que ele age

diretamente no núcleo das células, em um nível que os remédios comuns não atingem. Isso explicaria:

I. A regeneração rápida das células, já que o núcleo tem um papel essencial na organização do metabolismo celular;

\*

O fato de que uma boa alimentação durante o tratamento aumenta mais ainda a rapidez de recuperação, já que os alimentos fornecem uma base material necessária para a reorganização do protoplasma depois que o elixir ativou o funcionamento do núcleo.

\*

As propriedades antivírus do elixir, já que os vírus perturbam o metabolismo normal do núcleo precisamente ao nível dos ácidos desoxirribonucléicos, que tem um papel tão importante no equilíbrio da célula.

Apesar dos bons resultados obtidos em algumas doenças específicas, o ouro potável funciona melhor ainda como uma espécie de adjuvante universal, que, fornecido em qualquer doença, diminui consideravelmente o tempo que o paciente leva para oferecer uma resposta ao tratamento.

### **Em escala industrial, a produção é impossível**

Mas se os sucessos clínicos são espetaculares, as perspectivas de colocar o elixir ao alcance da classe médica mundial são desanimadoras. Em primeiro lugar, os preços de revenda seriam proibitivos, por causa do tempo de produção e das grandes quantidades de ouro em pó usadas nas últimas fases. Em segundo, porque, pela própria natureza do processo de produção, ele não pode ser repetido a qualquer momento e sob quaisquer condições. Nem se poderia sonhar, também, em reproduzir em laboratório as condições para fabricação, já que essas condições não são processos específicos e enumeráveis, mas efeitos *globais* do meio ambiente, reconhecíveis em seu conjunto mas impossíveis de analisar e dominar em seus detalhes. (Efeitos dessa ordem já foram reconhecidos em inúmeras experiências científicas, como as do professor Giorgio Piccardi, que descobriu a influência do meio ambiente *cósmico* sobre a composição da água).

No entanto, o valor da experiência não provém das suas aplicações práticas imediatas, mas de ter oferecido à ciência os meios para investigar o fenômeno dos elixires alquímicos e uma prova incontestável da importância vital que essas investigações podem ter para a humanidade. Se a renascença da medicina alquímica pode, como diz Albellio, marcar uma data na história da ciência, não é só pelos resultados clínicos espetaculares. É que eles nos forçam a raciocinar de maneira estranha aos hábitos científicos, e talvez marquem a conquista definitiva do pensamento simbólico e analógico pela mente moderna. Isto assinalaria não só uma data na história da ciência já existente, mas a *inauguração* de uma ciência unificada, global, juntando, num sonho pitagórico, o que uma longa época de fragmentação e crise havia separado: a exatidão matemática e a inspiração divina.